

AS POLÊMICAS ANTIPROTESTANTISMO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: CUIABÁ 1926, 1927

Carlos Barros Gonçalves*

RESUMO: Nas primeiras décadas republicanas setores da sociedade brasileira expressaram aversão às idéias e práticas de protestantes, sobretudo, de missionários vindos dos Estados Unidos, que juntamente às suas respectivas denominações¹ foram identificadas com os supostos interesses imperialistas norte-americanos no país. Como estratégia de combate a essa aversão, as igrejas protestantes de missão se auto-identificaram como uma religião afeita aos ideais de civilização, modernidade e nacionalidade. A partir desse contexto, discorro, num primeiro momento, sobre as polêmicas antiprotestantismo e anticatolicismo em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Posteriormente, analiso as controvérsias entre católicos e protestantes ocorridas na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, nos anos de 1926 e 1927. Para tanto, analiso o discurso *imperialismo e protestantismo* proferido pelo arcebispo de Cuiabá D. Francisco de Aquino Corrêa, publicado em forma de folheto, que vinculou a ação dos missionários protestantes no Brasil ao interesse imperialista dos EUA e os artigos do jornal *A Penna Evangelica*, que rebateu as críticas católicas e apresentou os missionários estrangeiros no país como propagadores da palavra de Deus, da paz e do progresso da nação. Na perspectiva do catolicismo, a propaganda antiprotestantismo pode ser entendida como a estratégia de uma instituição que passou a competir com outras manifestações religiosas para manter seu domínio no campo religioso; na perspectiva protestante, a competição deu-se no sentido de afirmar posições e abrir espaços diante de uma Igreja confortavelmente instalada em termos institucionais e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: protestantismo; catolicismo; polêmica religiosa.

ABSTRACT: In the first decades of the Republic, some sectors of the Brazilian society expressed aversion to both the protestant ideas and practices; most

* Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Pesquisador do Centro de Documentação Regional da UFGD. E-mail: carlosgoncalves@ufgd.edu.br

¹ O termo denominações, ou denominação, é comumente usado pelos estudiosos da história do protestantismo como sinônimo da palavra igreja. Neste artigo, utilizo a palavra denominação para designar uma igreja protestante no seu sentido institucional. A denominação presbiteriana é, por exemplo, o conjunto de seus fiéis ou membros, suas congregações, seus presbitérios e presbíteros, suas associações, seu patrimônio teológico e doutrinário, seus usos e costumes.

of all to the missionaries who came from the United States. Their respective denominations together with this aversion were identified as the so-called North-American imperialists in the country. The church had a strategy to fight against this aversion. The churches of protestant mission have identified themselves as a religion which supports the ideals of the civilization, modernity and nationality. Based on this context, in the first place, we deal with the anti-Protestantism and the anti-Catholicism polemic between the end of the XIX century and the first decades of the XX century. Afterwards, there were controversies between Catholics and Protestants in the city of Cuiabá, Mato Grosso, in the years of 1926 and 1927. Therefore, we analyze the imperialist and the protestant speech by the archbishop Francisco de Aquino Corrêa, published in leaflets in which he made a connection between the Protestant missionaries' action in Brazil and the imperialist interest of the USA as well as the articles in the newspaper "A Penna Evangelica", that went against the Catholic criticism and introduced the foreign missionaries here in Brazil as advertisers of peace and progress for the nation. In the Catholicism perspective, anti-Protestant advertisement may be understood as a strategy by which the institution started to compete with other religious manifestations in order to maintain its domain in the religious field. While in the Protestant perspective, the competition aroused in the sense of defining positions and opening spaces among a comfortably established church as for institutional and cultural terms.

KEYWORDS: protestantism; catholicism; religious polemic.

INTRODUÇÃO

O tema abordado no presente texto foi de maneira breve analisado na dissertação por mim apresentada ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados (2009)². Porém, a escrita deste artigo surgiu a partir da leitura do instigante artigo intitulado *Protestantes e católicos em Mato Grosso: relações conflitivas no início do século XX*, autoria do professor e historiador Cláudio Alves de Vasconcelos³, publicada na Revista Fronteiras⁴, periódico ligado ao Programa de Mestrado em História do então campus de Dourados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPDO/UFMS)⁵.

² Trata-se da dissertação intitulada *O movimento ecumênico protestante no Brasil e a implantação da Missão Caiuá em Dourados*. 2009. 237f. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD.

³ O Professor do curso de Graduação e Pós-Graduação em História da UFGD, Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da mesma Instituição.

⁴ *Fronteiras: revista de história*, v. 6, n. 11, jan./jun. 2002. p. 133-142.

⁵ No ano de publicação do artigo de Vasconcelos o atual campus da Universidade Federal da Grande Dourados integrava a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A UFGD foi criada no ano de 2005.

Este trabalho traz importantes contribuições para o entendimento da história das igrejas cristãs em Mato Grosso, sobretudo, do relacionamento conflituoso entre representantes da Igreja Católica e do protestantismo presbiteriano na cidade de Cuiabá. Um motivo a mais que me levou a escrever o presente trabalho e que talvez seja o meu maior argumento para ousar reescrever a história, foram as considerações e sugestões do próprio professor Cláudio Vasconcelos, durante a Banca de Qualificação (Mestrado) na qual *sabatinado*, em setembro de 2008⁶.

Lembranças à parte, o artigo que ora apresento tem como um dos objetivos centrais analisar as divergências entre católicos e protestantes ocorridas em Cuiabá a partir de uma história das igrejas protestantes no Brasil, ou seja, privilegia-se o contexto, os diferentes tempos e idéias que perspassaram, ou melhor, envolveram as denominações protestantes no Brasil. Assim, procuro contextualizar e evidenciar alguns aspectos apenas mencionados no artigo de autoria de Cláudio Vasconcelos, como por exemplo, o porquê da vinculação protestantismo missionário/imperialismo estadunidense e o papel dos periódicos impressos como veículos de ação religiosa (para ambas as confissões), além de oferecer maiores detalhes aos fatos narrados sobre os embates em Cuiabá.

O PROTESTANTISMO MISSIONÁRIO NO BRASIL: OS IMPRESSOS, O ANTIPROTESTANTISMO

Com relação ao Brasil, considera-se a última metade do século XIX como o principal período de implantação do protestantismo no país. Trata-se, nesse caso, do chamado protestantismo histórico de missão, expressão aplicada às Igrejas Presbiteriana do Brasil (1862), Presbiteriana Independente (1903)⁷, Metodista (1878), Congregacional (1855), Batista (1859/1882) e Episcopal (1889). O estabelecimento dessas igrejas deu-se, sobretudo, através de missões norte-americanas⁸. A chegada dessas instituições foi precedida pela ação de missionários e distribuidores de Bíblias, enviados oficialmente por

⁶ Na ocasião, a referida Banca foi composta ainda pelos professores Damião Duque de Farias e Graciela Chamorro.

⁷ A Igreja Presbiteriana Independente (IPI) surgiu com a cisão da Igreja Presbiteriana do Brasil em 1903. Assim, utilizo ao longo desse trabalho a expressão “Igreja Presbiteriana” para se referir à Igreja Presbiteriana do Brasil enquanto que a IPI será designada com o acréscimo da expressão “independente”.

⁸ Convém lembrar que a maioria dos missionários estabelecidos no Brasil, bem como suas igrejas, foram provenientes do Sul dos Estados Unidos.

organizações missionárias britânicas e norte-americanas, como os metodistas Fountain E. Pitts, Justus Spaulding⁹ e Daniel P. Kidder.

Nas décadas da segunda metade do século XIX houve diversas barreiras à inserção do protestantismo no Brasil. Entre as oficiais, estavam as advindas do sistema do Padroado, que estabelecia uma estreita ligação entre o Estado e a Igreja Católica (BARBOSA, 2002, p. 25, 32)¹⁰. Entre esses impedimentos estava o de fazer prosélitos, de construir templos com fachada de igreja, de oficializar casamentos e de sepultar os mortos nos cemitérios públicos. Qualquer ação que pudesse colocar em xeque a religião oficial estava sob constante vigilância, não somente pelo clero como também pelas autoridades civis.

Além dessas dificuldades, os primeiros representantes do protestantismo missionário no Brasil enfrentaram forte oposição pelas páginas dos impressos: jornais, folhetos ou livros. Nos periódicos protestantes que circulavam em fins do século XIX, como o jornal *Imprensa Evangélica*, a propaganda antiprotestantismo, promovida por membros do clero católico ou por indivíduos não simpatizantes à fé protestante, é percebida nas entrelinhas das publicações. Entre os temas de controvérsia estava o casamento civil, a liberdade de cultos, os dogmas católicos, a legislação brasileira, a tradução e leitura individual da Bíblia e o sepultamento de mortos. A partir da ótica dos jornais protestantes a propaganda antiprotestantismo no Brasil chegou até mesmo a tomar corpo nas *vias de fato*¹¹, como se costuma dizer. Tendo em vista esse contexto, é possível afirmar que a propaganda antiprotestantismo acompanhou desde cedo a ação de missionários, estrangeiros ou nacionais, no país.

Conforme a tese defendida por Antonio Gouvêa Mendonça, no livro *O celeste porvir*, a disputa por um espaço religioso na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX desenvolveu-se sobre três pilares: o polêmico, o educacional e o proselitista (MENDONÇA, 1995, p. 81). Interessa-nos

⁹ Esses missionários atuaram no Brasil entre 1836 e 1842, quando desenvolveram uma primeira tentativa de estabelecimento metodista no país. O trabalho foi interrompido em 1842.

¹⁰ José Carlos Barbosa é pastor da Igreja Metodista no Brasil. Historiador e teólogo, desenvolve pesquisas relacionadas ao movimento ecumênico no Brasil e, sobretudo, à história do metodismo brasileiro. Foi professor da Universidade Metodista de Piracicaba e coordenador do CEPEME (Centro de Estudos e Pesquisas sobre Metodismo e Educação – UNIMEP/Piracicaba).

¹¹ O livro *O jornal Imprensa Evangélica: diferentes fases no contexto brasileiro*, autoria de Edwiges Rosa dos Santos, ao analisar a trajetória do jornal traz diversas notícias publicadas sobre os supostos ataques físicos sofridos por missionários e pregadores protestantes brasileiros no Estado de São Paulo nas últimas décadas do século XIX.

neste texto apenas a primeira característica, ou melhor, estratégia, adotada, primeiro pelos missionários estrangeiros e posteriormente, com mais ardor, pelos próprios brasileiros convertidos ao protestantismo, sobretudo os primeiros líderes nacionais: o viés polêmico.

Diante da tarefa de expandir a fé protestante num país ocupado por outra igreja cristã, confortavelmente instalada em termos institucionais e culturais, era preciso conhecer o adversário, estudá-lo e desacreditá-lo enquanto opção religiosa, ou pelos menos, minar as suas bases. O uso do discurso polêmico pelos protestantes face ao catolicismo e às suas convicções doutrinárias acompanhou as primeiras décadas de implantação do protestantismo missionário no país, tornando-se importante característica do “ser” protestante no Brasil, haja vista a grande quantidade de publicações avulsas e textos de teor anticatolicismo veiculados pelos periódicos denominacionais protestantes em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Os periódicos protestantes criados no Brasil durante as últimas décadas do século XIX e primeiros anos do século XX, foram os instrumentos pioneiros utilizados como propagadores do ataque ou contra-ataque ao catolicismo. As respostas católicas também afloraram através dos periódicos impressos. O primeiro periódico protestante fundado no Brasil, e também na América Latina, foi o jornal *Imprensa Evangelica*, criado pelo primeiro missionário presbiteriano enviado oficialmente ao Brasil Ashbel Green Simonton (1833-1867)¹². O *Imprensa* circulou entre os anos de 1864 a 1892; de 1868 a 1877 o jornal circulou com o nome de *A Imprensa Evangélica*. Esse periódico desempenhou importante papel no processo de inserção do protestantismo de missão no Brasil, uma vez que foi o primeiro a publicar e fazer aparecer as novas idéias religiosas oriundas do protestantismo no país. O *Imprensa* abriu o caminho para uma série de outros jornais fundados nesse período, todos eles importantes recursos utilizados na concorrência com o catolicismo pelos espaços do sagrado na sociedade brasileira.

O jornal *O Pulpito Evangelico* foi o segundo periódico presbiteriano fundado no Brasil. Criado pelo reverendo Emmanuel Vanordem, circulou entre os meses de janeiro de 1874 e dezembro de 1875. O terceiro jornal

¹² Simonton também criou a primeira escola paroquial protestante no Brasil (1866), o primeiro seminário teológico (1867) e ordenou ao ministério o primeiro pastor protestante brasileiro (1865). Morreu de febre amarela em São Paulo, aos 34 anos de idade. Uma excelente biografia de Simonton, de autoria do reverendo Elben M. Lenz César foi recentemente publicada pela Editora Ultimato: *Mochila nas costas e diário na mão: a fascinante história de Ashbel Green Simonton* (2009).

presbiteriano surgido no país foi o *Salvação da Graça*, dirigido pelo reverendo J. R. Smith e impresso em Lisboa, Portugal. Teve doze números publicados em outubro de 1875. Na cidade de São Paulo foram criados, em 1888, o *Missionário Juvenil*, tendo como redator Antônio Ernesto da Silva e a *Revista das Missões Nacionais*, inicialmente comandada pela Comissão Sinodal das Missões, também ligada à Igreja Presbiteriana. A Revista circulou durante quarenta anos.

As demais denominações protestantes também criaram seus principais jornais nesse período. A Igreja Metodista fundou em 1886 o jornal *O Metodista Católico*, que em janeiro de 1887 teve seu nome alterado para *Expositor Cristão*, circula ainda hoje; em 1901 a Igreja Batista fundou *O Jornal Batista*, que em 1909 passou a ser o órgão oficial da Convenção Batista Brasileira; o jornal *O Estandarte Cristão* foi criado em 1892 pela Igreja Episcopal em Porto Alegre (RS), circula ainda hoje; em 1893 foi criado o jornal *O Estandarte*, intitulado substituto d'*A Imprensa Evangelica*. Com a cisão do presbiterianismo brasileiro em 1903, este periódico passou a ser o órgão oficial da nascente Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, também circula nos dias atuais¹³.

Tais jornais surgiram como uma alternativa para divulgação e expansão do protestantismo no Brasil. As denominações vislumbraram na imprensa a possibilidade de levar a mensagem religiosa a indivíduos que talvez não fossem, por um motivo ou outro, alcançados pelo evangelismo pessoal. Além disso, a contra-argumentação aos questionamentos do catolicismo fez dos periódicos protestantes importantes instrumentos de luta para um ramo do cristianismo em desvantagem no número de adeptos, de locais definitivamente ocupados e de obreiros capazes de expandir o discurso protestante. Pode-se afirmar que os jornais protestantes foram os pregadores silenciosos do período de implantação do protestantismo de missão no Brasil.

Ao longo das primeiras décadas do século XX surgiriam muitas publicações protestantes, de vida efêmera, que circularam não como órgãos oficiais, mas regionais. A maioria dos jornais mencionados acima foram criados ou tornaram-se os principais veículos oficiais de suas respectivas denominações. Contudo, ao longo desse período pequenos jornais e folhetos foram fundados por igrejas protestantes em diversas localidades do país. Tais publicações tiveram um período relativamente pequeno de circulação,

¹³ No portal da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil encontra-se disponível para download, sob o formato digital, o acervo completo d'O Estandarte: www.ipib.org

se comparado aos periódicos oficiais, e a grande maioria dos exemplares perdeu-se com o tempo. O jornal *A Penna Evangelica*, um dos pivôs das controvérsias entre protestantes e católicos em Cuiabá na década de 1920, insere-se nesse último grupo.

Com relação à publicação de folhetos e livros a agressividade foi ferrenha de ambas as partes. Desde o século XIX foram diversas as publicações fruto de polêmicas entre protestantes e católicos. Um exemplo foi a publicação do livro *A Igreja Romana à barra do Evangelho e da história na pessoa do seu campeão o Bispo do Pará ou análise do Catecismo sobre a Igreja Católica de Dom Antonio Macedo Costa*, por volta de 1879 pelo reverendo Miguel Torres. Trata-se de uma refutação ao livro de Dom Macedo Costa intitulado *Catecismo sobre a Igreja Católica*. Foram dois destacados personagens de ambos os ramos cristãos: Miguel Torres foi um dos primeiros pastores nacionais formado pelos presbiterianos, enquanto que Dom Macedo foi um importante agente envolvido na chamada Questão Religiosa¹⁴ no Brasil. Ambos gozavam de prestígio no interior de suas confissões (LIMA, 1995, p. 10).

Outros dois personagens de destaque na história do protestantismo brasileiro, sobretudo devido os debates e polêmicas sobre o catolicismo, foram os presbiterianos Álvaro Reis e Eduardo Carlos Pereira. Álvaro Reis (1864-1925) foi um grande pregador e polemista. Diversos de seus sermões e controvérsias foram publicados. O livro *As setes palavras de Cristo na cruz*, publicado numa série pelo Jornal do Comércio (RJ) durante a Semana Santa¹⁵ do ano de 1914, foi conforme palavras do próprio Álvaro Reis, fruto da espera pelo “costumeiro ataque do rev. Padre Dr. Julio Maria ao catholicismo evangélico. Surpreendido por não tê-lo feito, resolvi, na véspera de Domingo de Ramos, encetar uma série de conferências sobre o Evangelho da Cruz, tomando por tema as últimas sete quão sublimes palavras proferidas por Cristo quando pregado na cruz” (REIS, 1917)¹⁶.

¹⁴ Questão Religiosa é uma expressão brasileira da luta entre a Igreja e o mundo liberal. Anos antes do conflito entre os bispos e o Imperador D. Pedro II, o episcopado brasileiro vinha tendo confrontos com o pensamento liberal e o realismo imperial” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 70).

¹⁵ A chamada Semana Santa faz parte do calendário cristão, sobretudo do católico, e tem como marco temporal de início a chegada de Jesus Cristo na cidade de Jerusalém, dias antes da crucificação, e o chamado Domingo de Páscoa, quando se comemora a ressurreição de Jesus e o fim da referida semana.

¹⁶ Outras obras do reverendo Álvaro Reis: *O mimetismo católico*, debate com o ultramontano Dr. Carlos Pimenta de Laet da Academia Brasileira de Letras; *O tribunal de Cristo*; *As origens baldaicas da Bíblia*; *Os escândalos*; *O clamor das pedras*.

O reverendo Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) foi o organizador da Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos que a partir de 1883 publicou diversos folhetos, a maioria escrito por protestantes brasileiros, e que diziam respeito ao discurso anticatolicismo: *A bem-aventurada virgem Maria* (1887), *O único advogado dos pecadores* (1884), *O culto dos santos e dos anjos* (1884) entre outros. O reverendo ainda publicou ao longo de seu ministério pastoral diversos textos nos jornais protestantes do país. Um das obras de sua autoria, fruto de debate foi *O protestantismo é uma nulidade*, polêmica com o Monsenhor Nascimento Castro, em 1896 (MENDONÇA, 1995, p. 87).

Outro nome importante no que se refere a publicações anticatolicismo foi o reverendo presbiteriano Ernesto Luiz de Oliveira (1875-1938). Em 1906, por exemplo, entrou em contenda com o pároco de Campinas ao debater sobre a fala atribuída a Jesus Cristo *Isto é o meu corpo*, narrada no episódio conhecido como a última ceia, registrado no livro de I Coríntios, capítulo 11 e versículo 24, e a interpretação a ser dada a essa assertiva (LIMA, 1995, p. 10). Outros escritos foram *Breves reparos às conferências do Revmo. Mar. Manoel Vicente* (1903), *Vindicação da fé evangélica perante a Bíblia-refutação ao opúsculo A Igreja Católica e o Protestantismo* do bispo de Campinas (1904), *Roma, a Igreja e o AntiCristo* (2 ed. 1961), *São Pedro ou São Rocha* (1933). Convém citar também o reverendo Othoniel Mota (1878-1951), talvez o mais erudito dos polemistas protestantes. Importante filólogo e intelectual reconhecido. Dirigiu a Biblioteca Pública de São Paulo, atual Biblioteca Mário de Andrade, foi membro da Academia Paulista de Letras, escreveu diversos livros e artigos de jornal. Aposentou-se como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (LIMA, 1995, p. 10).

Do lado católico, convém citar o padre Julio Maria de Lombaerde (1878-1944), que escreveu diversos textos ao longo da década de 1920 de combate aos “filhos de Lutero”. Os escritos de Julio Maria o tornaram nacionalmente conhecido como polemista, recebendo a alcunha de *martelo do protestantismo no Brasil*. Alguns de seus livros: *O perigo dos colégios protestantes* (1929), *Palhaçada protestante* (1929), *A mulher e a serpente* (1930), *Objecções e erros protestantes* (1932), *Ataques protestantes às verdades católicas* (1934) e muitos outros. Sem dúvida, o padre Júlio Maria fez por merecer o dito nome de martelo do protestantismo, pois, foi um dos escritores polemistas que mais publicaram textos de caráter antiprotestantismo no Brasil.

Sem dúvida, um divisor na história dos debates entre católicos e protestantes no Brasil foram os escritos do padre Leonel Franca. Ao longo da década de 1920 Leonel Franca escreveu diversos textos de combate ao protestantismo

no Brasil, bem como publicou respostas aos argumentos protestantes. Um exemplo foi a resposta ao livro *O problema religioso da América Latina* (1916)¹⁷, de Eduardo Carlos Pereira, que vinculava o atraso econômico e intelectual do Brasil à religião católica secular. A resposta de Franca foi intitulada *A Igreja, a Reforma e a civilização*, com o subtítulo *com observações críticas à margem d'O problema religiosa da América Latina do Sr. Eduardo Carlos Pereira*.

As publicações dos debates ocorridos a partir das manifestações de Leonel Franca ganharam tal dimensão que ao longo dos anos de 1920 e primeiros de 1930, outros protestantes de renome como o reverendo Othoniel Motta, que utilizava o pseudônimo de Frederico Hansen, Ernesto Luiz de Oliveira e Lisânias de Cerqueira Leite. Entre as publicações de Leonel Franca, destacam-se *Catolicismo e protestantismo* (2. ed. 1952), *Lutero e o sr. Frederico Hansen* (3. ed. 1952), *O protestantismo no Brasil* (3. ed. 1952). Do reverendo Othoniel Motta, *Lutero e o Padre Leonel Franca* (1933), *A defesa do padre Leonel Franca* (1933), *O papado e o padre Leonel Franca* (1933), *A divinação do papa* (1934). Lisânias de Cerqueira Leite publicou *Protestantismo e romanismo: resposta ao pé da letra, à obra de Leonel Franca S. J., A Igreja, a Reforma e a civilização* (vol. I, 1933, vol. II 1938, vol. III 1942) e *A Igreja, o papado e a Reforma* (1941).

Este retrospecto é importante no sentido de demonstrar o quanto a polêmica religiosa marcou a história da Igreja Católica e, sobretudo, das igrejas protestantes no Brasil. Mais do que simplesmente narrar contendas religiosas, o estudo das polêmicas pode passar pelo prisma da história das religiões e servir como instrumento balizador para o entendimento das relações entre protestantismo e catolicismo no Brasil e vice-versa. Progressivamente, e com maior intensidade após o fim do Império, o contexto em que se deram os debates apresentados até aqui foi caracterizado pela afirmação/expansão do protestantismo de missão pelo país e de reafirmação/reconquista de espaço pela Igreja Católica.

Outro elemento característico do discurso protestante no Brasil e que também esteve frequentemente presente, implícito ou explicitamente nos textos oriundos de polêmicas, foi a associação da fé protestantes aos ideais de modernidade, progresso e civilização em contraste com os atrasos (intelectuais e morais) causados pelo catolicismo¹⁸. Esta vinculação foi estratégica, pois, visava combater as acusações, sobretudo de publicações ligadas ao clero católico, de que a religião protestante traria para o país a desunião

¹⁷ Essa obra foi por mim analisada na dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da UFGD, referenciada anteriormente.

das famílias, da Igreja (entenda-se também do Estado), o individualismo, o racionalismo etc.

Segundo a percepção dos missionários protestantes estrangeiros, sobretudo norte-americanos, o Brasil era um espaço caracterizado pela intolerância religiosa, pelo atraso econômico e por uma religiosidade cristã deturpada. Dessa forma, o protestantismo deveria ser o modelo religioso a ser difundido, uma vez que atuaria como o agente propiciador de uma “moral verdadeira” e de “costumes sadios” que fariam do país uma grande nação, tal como os Estados Unidos que tinha no protestantismo o “segredo do grande desenvolvimento moral e intelectual [...]” (O ESTANDARTE, 14 jan. 1893, escrito em novembro de 1892 por Remígio de Cerqueira Leite).

O texto acima citado, escrito em fins de 1892 por um ilustre protestante de São Paulo, foi intitulado “Evangelificação pátria I: ministério estrangeiro” e publicado no O Estandarte. Teve como objetivo historiar as primeiras décadas do estabelecimento do protestantismo de missão no Brasil, sobretudo o de ramo presbiteriano. Trata-se de um artigo ilustrativo do pensamento que permeou os discursos, tanto de missionários estrangeiros como de protestantes brasileiros, que associavam o estabelecimento da fé protestante no país a uma vontade divina e à marcha da sociedade brasileira em direção à modernidade e a uma suposta civilização.

No artigo é evidente a identificação dos missionários protestantes, sobretudo aqueles vindos dos Estados Unidos, como indivíduos portadores de uma missão divina, “o povo a quem a Providência colocou na vanguarda das nações modernas, para fazê-lo depositário de uma missão sagrada”. Nesse mesmo sentido, ao apresentar as dificuldades que teriam sido enfrentadas pelos primeiros missionários que chegaram ao Brasil, o texto associa a cul-

¹⁸ Alguns exemplos de séries de artigos que circularam nos períodos correspondentes: *A padroeiral Perguntas respeitadas ao bispo do Pará*, O Estandarte, 21 jan. 1893; *A República e os costumes*, O Estandarte, 18 mar. 1893; *A religião e a política*, O Estandarte, 1 jun. 1893; *Pela moral*, O Estandarte, 26 jan. 1895, *A guerra aos protestantes*, O Estandarte, 26 jan. 1895; *A reforma dos costumes*, O Estandarte, 26 out. 1895; *Réplica ao padre Beleza*, O Estandarte, jan. 1903; *A ação católica e o protestantismo*, O Estandarte n. 2, 1928; *A imagem de Cristo no Juri: um protesto contra a imagem*, O Estandarte, n. 15, 1929; *Queimando Bíblias*, O Expositor Cristão, 5 mar. 1903; *Ainda o “auto de fé” em Pernambuco*, O Expositor Cristão, 12 mar. 1903; *As missões católicas*, O Expositor Cristão 14 jun. 1906; *Nossa atitude para com o romanismo*, O Expositor Cristão 6 jan. 1910; *Roma e a política*, O Expositor Cristão, 6 jan. 1910; *O serviço missionário, 15 de novembro: pátria e religião*, O Expositor Cristão 17 nov. 1910; *O jesuítas, sempre os mesmos*, O Expositor Cristão 17 nov. 1910; *A religião evangélica perante o público*, 9 ago. 1917; *O inimigo (Igreja Romana)*, O Expositor Cristão, 20 jul. 1921; *Males sociais*, O Expositor Cristão, 2 maio 1928; *Religião oficial*, O Expositor Cristão, 10 dez. 1930; *A redenção da Amazônia*, A República (Belém), 23 jan. 1887; *A Festa de Nazareth e o jogo*, A República (Belém), 11 nov. 1886.

tura católica dos brasileiros a uma espécie de fanatismo e a aponta como a principal das barreiras que os missionários estrangeiros tiveram que transpor para pregar o protestantismo. O clero católico é chamado de “prepotente e sempre disposto a dominar as consciências do povo e frustrar as tentativas protestantes de libertar os espíritos”, uma clara referência aos escritos de caráter antiprotestantismo veiculados no período. Segundo o texto, o único estímulo da tarefa dos missionários foi a consciência de serem eles delegados e enviados pelo próprio Deus a evangelizar o país (O ESTANDARTE, 14 jan.1893, escrito em novembro de 1892).

As virtudes civilizadoras da fé protestante foram parte central do raciocínio das sociedades e igrejas protestantes implantadas em toda a América Latina no século XIX. No Brasil, os missionários protestantes consideravam-se os portadores de um projeto de civilização para uma sociedade caracterizada até então pelo atraso econômico, fruto de séculos de domínio português, e pela ignorância religiosa do povo, fruto do predomínio católico. Essa compreensão de dever civilizatório, incorporada pelas igrejas protestantes no Brasil, permaneceu ao longo das primeiras décadas republicanas sob novas perspectivas e contextos, tal como é possível observar ao longo das centenas de páginas dos jornais denominacionais publicados nesse período.

Embora as principais denominações protestantes missionárias já estivessem instaladas antes de 1889, a República foi recebida com entusiasmo pelos protestantes no Brasil, que visualizaram na criação do Estado Laico o anúncio de um novo tempo, que seria caracterizado pela expansão e crescimento das igrejas pelo país; um fato que “rasgaria novos horizontes para a marcha triunfante do Evangelho no país” (O ESTANDARTE, 14 jan.1893, escrito em novembro de 1892).

No referido texto, a República foi apresentada como um “novo estado de coisas”, que abriu novos campos de ação e boas perspectivas para o trabalho de anúncio do Evangelho no país. “A separação da Igreja e do Estado, o casamento civil, a secularização dos cemitérios, verdadeiras conquistas da liberdade de consciência, são o auroco prenúncio do Evangelho neste abençoado torrão da livre América” (O ESTANDARTE, 21 jan.1893, escrito em novembro de 1892).

De fato, houve a partir do período republicano uma redefinição do campo religioso brasileiro. Segundo Lyndon de Araújo Santos (2006, p. 151, 152), “a experiência do sagrado diversificou-se deslocando seu centro da Igreja Católica enquanto instituição matriz única do sentido religioso. O protestantismo fez parte desta diversificação paralelamente a outras expres-

sões religiosas, como as novas expressões dos cultos afro-brasileiros”. Entre as mudanças mais gerais em curso no país, são dignos de nota os avanços tecnológicos, o discurso científico, o surgimento de uma classe média mais consciente, as reformas urbanas e a industrialização. Esse cenário reclamou dos grupos religiosos no país um aprimoramento de suas forças, para disputar os espaços simbólicos do sagrado¹⁹.

Para o protestantismo, uma das principais necessidades foi investir na formação de um ministério evangélico nacional, “numeroso, valente e preparado [...] dar ao movimento de evangelização uma feição nova, um cunho nacional”. As igrejas protestantes brasileiras viviam sua fase de juventude e era necessário equilibrar-se, de maneira a *caminhar sozinha*, sem grandes influências das igrejas-mãe norte-americanas (O ESTANDARTE, 21 jan.1893, escrito em novembro de 1892). Esta aspiração demandaria o investimento na abertura de novos templos, ocupação de localidades até então não alcançadas, preparação e envio de missionários nacionais aos interiores do país, uma vez que em princípios do século XX as igrejas protestantes no Brasil concentravam-se preponderantemente nas cidades litorâneas. Esse empreendimento expansionista protestante no Brasil foi lento, porém marcado por tensões, tanto no interior das próprias denominações como, sobretudo, no que se referia ao catolicismo, já presente institucional e culturalmente na maior parte do Brasil.

“NOVOS” ELEMENTOS PARA O COMBATE: O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

Fosse através da imprensa, da ação eclesiástica ou mesmo por fiéis católicos, o fato é que houve desde os primeiros anos da chegada de missionários protestantes estrangeiros uma propaganda antiprotestantismo (bem como anticatolicismo) no Brasil, que assumiu ao longo dos anos seguintes diferentes formas e sentidos. A associação protestantismo missionário-imperialismo estadunidense, por exemplo, acompanhou a ação de missionários estrangeiros não somente no Brasil, mas em todo o continente americano.

¹⁹ Os termos campo religioso e disputas de bens simbólicos foram pensados a partir das definições do sociólogo Pierre Bourdieu: o campo religioso pode ser entendido como um campo virtual no qual um grupo de agentes (sacerdotes, mágicos, instituições ou leigos) interagem simbolicamente numa disputa pela gestão e a distribuição do capital religioso (BOURDIEU, 1987, p. 25). Para uma melhor compreensão do conceito de campo religioso, sobretudo tendo como referência o cenário religioso brasileiro e especialmente o protestante, consultar o artigo “Uma macro-reflexão sobre o campo religioso brasileiro...”, autoria de Antonio Gouvêa Mendonça (2002, p. 22-40).

Desde as últimas décadas do século XIX missionários protestantes oriundos dos Estados Unidos encontraram uma forte resistência e aversão ao seu discurso religioso em países da América Central. A vinculação missionário protestante-imperialismo norte-americano ganhou força e permaneceu ao longo das primeiras décadas do século XX, haja vista o crescimento das investidas políticas e militares dos Estados Unidos e a progressiva perda de influência político-econômica da Inglaterra no continente americano. Somado a isso, o ressurgimento da política do pan-americanismo que, segundo o historiador Lyndon de Araújo Santos, foi um corpo ideológico de debate nos campos político, diplomático e religioso nas primeiras décadas do século XX em toda a América Latina. Para Lyndon, o pan-americanismo foi uma reedição da Doutrina Monroe (1823) que teve como *slogan* a frase *América para os americanos* e que significou, na segunda década do século XIX, a convergência de interesses comerciais e políticos entre os países do continente e os Estados Unidos (SANTOS, 2006, p. 156-58).

Pode-se afirmar que em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX os Estados Unidos não dispunha de uma boa imagem frente aos demais países do continente americano. Esta imagem negativa chegou mesmo a se tornar uma barreira difícil de ser vencida pelos missionários protestantes em sua tarefa de evangelização em países como o Panamá, México e Guatemala.

Melhorar a imagem política dos Estados Unidos frente aos países do continente americano foi um dos objetivos centrais para o ressurgimento da política do pan-americanismo. Implícito estava, obviamente, o interesse do Norte em expandir sua influência política, econômica e cultural junto aos vizinhos. O pan-americanismo adquiriu também, no século XX, uma dimensão religiosa. Entidades protestantes como o Comitê de Cooperação da América Latina (1913), fundado no auge dos debates sobre a necessidade de um maior investimento pelas missões protestantes estadunidenses nos países considerados nominalmente cristãos do continente americano, chegaram mesmo a endossar a idéia de que uma maior influência dos Estados Unidos na América Latina era necessária. O cristianismo católico, acusado de ser o responsável pelo atraso econômico, pela existência de regimes democráticos frágeis e instáveis, deveria ser, segundo a concepção de missionários protestantes norte-americanos, desacreditado e substituído por uma crença que possibilitasse valores morais puros e contribuísse para a formação de bons cidadãos.

Com o crescimento da influência estadunidense no plano político, econômico ou cultural, logicamente as missões protestantes seriam beneficiadas. Assim, era preciso diminuir a imagem negativa, associada ao intervencionismo e imperialismo, que os EUA tinham nos respectivos países latinos (PIEDRA, 2002)²⁰. Essa foi a dimensão que a política pan-americana adquiriu para as agências missionárias e denominações protestantes dos Estados ao longo das primeiras décadas do século XX. Tal não foi o posicionamento das igrejas protestantes inseridas no Brasil, oriundas da expansão missionária norte-americana no século XIX. As denominações protestantes brasileiras não encamparam o ideal pan-americano de difundir a necessidade de uma aproximação política e econômica com os Estados Unidos, embora algumas lideranças de expressão no protestantismo nacional, como os reverendos presbiterianos Erasmo Braga e Eduardo Carlos Pereira o fizessem.

Erasmo Braga, por exemplo, publicou um livro intitulado *Pan-americanismo: aspecto religioso*, originalmente apresentado como relatório em uma das comissões do Congresso do Panamá (1916), no qual defendeu com eloquência a necessidade de uma aproximação dos países latinos, em diversos aspectos, aos Estados Unidos²¹. Apesar disso, é facilmente verificável, sobretudo nos periódicos protestantes das primeiras décadas republicanas, que os Estados Unidos figuraram como o grande modelo de civilização protestante nos discursos de protestantes brasileiros.

No que se refere aos próprios missionários protestantes norte-americanos que atuavam longe de sua pátria, conforme afirmou o teólogo e historiador costarriquenho Arturo Piedra, sempre foi difícil para esses religiosos perceber as ações políticas dos Estados Unidos pela ótica das intenções expansionistas e imperialistas. Segundo Piedra, os missionários acreditavam piamente que seu país sempre agia sempre de boa fé e que uma maior aproximação traria benefícios para os latino-americanos. Acreditavam que, se algum dia houvera uma época de abusos do Norte contra o Sul, era óbvio que isso já tinha ficado no passado (PIEDRA, 2006, p. 97).

²⁰ Trata-se do volume II do livro intitulado *Evangelização protestante na América Latina*, publicado pelo Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI), no idioma espanhol.

²¹ Os reflexos dos ideais do pan-americanismo entre as igrejas protestantes brasileiras foram mais bem analisados na dissertação que apresentei ao Programa de Mestrado em História da UFGD, anteriormente citada. Tendo em vista esse contexto, analisei na referida dissertação os discursos presentes nos livros *Pan-americanismo: aspecto religioso*, de Erasmo Braga e *O problema religioso da América Latina*, de Eduardo Carlos Pereira. Na dissertação analisei também o papel desempenhado por instituições promotoras de atividades missionárias na América Latina, como o Comitê de Cooperação da América Latina, citado anteriormente.

Nesse contexto, especificamente no que se referiu ao Brasil, as igrejas protestantes oriundas de atividades missionárias, bem como seus agentes, foram identificados com os Estados Unidos em suas virtudes e em seus feitos. Para setores do clero católico e alguns intelectuais o protestantismo foi sinônimo de pan-americanismo/imperialismo. Para membros da classe política e também intelectuais foi acolhido como uma religião proporcionaladora de civilização e de modernidade (SANTOS, 2006, p. 158).

Cabe lembrar ainda que a visão de mundo proposta pelo protestantismo se traduzia na cultura e na moralidade. A mensagem religiosa protestante significava também a propagação de valores culturais e morais típicos do protestantismo norte-americano e que nada tinham a ver com os valores religiosos, culturais e morais implantados no Brasil pela colonização portuguesa. Desse modo, a adesão ao protestantismo implicava, em grande medida, a rejeição aos valores culturais e morais amplamente arraigados na sociedade e a opção por uma religiosidade puritana (VELASQUES FILHO, 2002, 215)²². Nesse sentido, a idéia de que a fé protestante era avessa aos valores culturais brasileiros foi também um dos fatores utilizados como justificativa para a identificação da religião como a serviço dos supostos interesses imperialistas estadunidenses (PIEDRA, 2002, p.1). A percepção negativa da cultura brasileira, comumente entendida pelos missionários estrangeiros e mesmo protestantes nacionais como deturpada pelos erros do catolicismo romano, é facilmente notada nos escritos polêmicos publicados nesse período.

Tais características e imagens acompanharam as denominações protestantes missionárias no Brasil durante as primeiras décadas republicanas. A década de 1920, por exemplo, foi um divisor na história dos debates entre católicos e protestantes no país. Durante esses anos vieram à tona os escritos dos padres Leonel Franca e Julio Maria; textos de Eduardo Carlos Pereira, Álvaro Reis, Ernesto Luiz de Oliveira e Lisânias de Cerqueira Leite, todos já citados anteriormente²³. Ao longo dessa década a Igreja Católica, em sintonia com as diretrizes da Santa Sé, passou a militar em prol da afirmação de sua presença na sociedade e da tentativa de uma aliança de colaboração com o Estado, consolidada na década seguinte. Foi neste contexto que a polêmica

²² O movimento puritano teve origem na Inglaterra no século XVII. Os puritanos, como eram chamados seus adeptos, identificavam o protestantismo à conduta pessoal rígida. Elementos como a forma de vestir, beber, “se comportar” em público, passaram a ser entendidos unicamente sob o prisma da fé religiosa. Com relação ao puritanismo, Antonio Gouvêa Mendonça afirmou: *Não se pode dar com exatidão uma definição do puritanismo. É um modo de ser, de ver os seres humanos e as coisas sobre o prisma da fé religiosa. É, essencialmente, um modo de viver* (MENDONÇA, 1995, p. 42, 43).

antiprottestantismo ganhou novo fôlego com a disseminação da idéia de um “perigo protestante” no país, associada a uma suposta campanha imperialista norte-americana. A partir de então, o discurso católico passou a associar o combate ao protestantismo como um dever cívico dos brasileiros (SIMÕES, 2008, p. 1, 2).

A publicação do *Manifesto do Clero Evangélico do Rio de Janeiro*, em 4 de setembro de 1921 pelo Jornal do Comércio, texto que teve ampla repercussão entre os protestantes brasileiros no período, ilustra bem a afirmação anterior. O *Manifesto* foi datado de 22 de agosto de 1921 e foi uma reação à pastoral do Arcebispo de Mariana que acusou os protestantes de “hereges, imorais e traidores da pátria”. Segundo a pastoral, a propaganda protestante era apenas um “pretexto para interesses subalternos e criminosos (traição)”, tratava-se de uma estratégia para, após a conversão dos brasileiros e a “consequente união religiosa com os norte-americanos”, implantar a dominação norte-americana no país (Manifesto do Clero Evangélico do Rio de Janeiro. In: JORNAL DO COMÉRCIO, 4 SET.1921).

Nas linhas do *Manifesto*, os argumentos procuravam demonstrar que as igrejas protestantes prestavam trabalhos comprometidos com a sociedade brasileira, objetivando expressar mais o caráter nacional do que o estrangeiro (SANTOS, 2006, p. 185), preocupação essa que se sobressai em diversos jornais protestantes do período. Nesse sentido, o texto procurou dissertar sobre a implantação do protestantismo no Brasil e também acerca da atuação de algumas das instituições a ele vinculadas, como a ACM²⁴ e as sociedades bíblicas.

O *Manifesto* procurou ressaltar que as igrejas protestantes estabelecidas no Brasil atuavam de forma autônoma em relação às suas congêneres norte-americanas e que todas ansiavam tornar-se igrejas totalmente nacionais, sem vinculação a “Nova Iorque, Genebra, Londres e muito menos Roma!”. Um dos principais argumentos presentes no *Manifesto* refere-se à existência, no país, de um clero evangélico totalmente nacional, evidenciando que os “estrangeiros eram exceções”. Ainda demonstra que esse clero estava vinculado aos “laços sagrados da família”, de maneira que seus membros não se

²³ Convém citar a publicação pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro

²⁴ Trata-se da Associação Cristã de Moços, fundada em Londres em 1844 por George William (1821-1905), que logo se espalhou pelo mundo e se organizou mundialmente em 1855. Foi criada com o objetivo de reunir moços cristãos, independente do pertencimento eclesástico, para promoverem o Evangelho, desenvolver atividades de recreativas e sociais. A Associação Feminina foi criada em 1855 e teve sua Aliança Mundial formada em 1894.

prestariam aos interesses de aventureiros estrangeiros (Manifesto do Clero Evangélico do Rio de Janeiro. In: JORNAL DO COMÉRCIO, 4 set. 1921).

O discurso católico contra o protestantismo, cuja origem associava-se à *revolta* de Lutero no século XVI, apontava para as origens da Igreja Católica na pessoa do próprio Jesus Cristo. Além disso, diante da ameaça de protestantização do país, colocava-se em destaque o papel que o catolicismo teria exercido na formação histórica nacional brasileira, ou seja, fundamentava-se o discurso antiprotestante com um apelo ao passado, à tentativa de uma configuração do espaço simbólico e de uma territorialidade, na qual o protestantismo figurava como um elemento estranho e indesejável (SIMÕES, 2008, p. 3, 4; MARIN, 2010, p. 490). Intentava-se, assim, mesclar a história do país com a história da própria Igreja²⁵, como se ambos os elementos tivessem formado ao longo do tempo um só corpo que então se achava ameaçado pelo “espírito divisionista” característico da história protestante.

Assim, as polêmicas entre protestantes e católicos podem ser entendidas como expressão das lutas por posições no interior do campo religioso e ainda uma tentativa de cada uma das forças conquistarem ou preservar o espaço já ocupado. Mais do que debates isolados ou individuais, de discussões doutrinárias ou teológicas, as polêmicas religiosas moldaram formas e sentidos de como o protestantismo e o catolicismo foram vivenciados em determinado meio social, tal como se pode constatar nas controvérsias entre católicos e protestantes em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, em 1926 (SANTOS, 2006, p. 64).

²⁵ Cabe lembrar também a realização do Congresso Eucarístico em comemoração ao centenário da independência nacional ocorrido entre os dias 26 e 30 de setembro de 1922. Desse evento, resultou a *Carta Pastoral do Episcopado Brasileiro ao Clero e aos Fiéis de suas Dioceses*, que apontou uma série de eventos que intentavam associar o surgimento da *civilização nacional* à história da própria Igreja Católica no país. Como demonstrou Romualdo Dias, na tese apresentada ao Departamento de Filosofia da UNICAMP, cujo objetivo foi analisar a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922-1935), *entre os males do nosso tempo*, o Congresso denunciou a ação dos metodistas no Brasil. A unidade nacional estava ameaçada pela propaganda dos pastores metodistas norte-americanos. [...] os metodistas eram uma ameaça para a unidade nacional, deveriam ser combatidos numa campanha político-religiosa, por meio de uma luta pela liberdade da nação; eram americanos que aqui aportaram com Bíblias e dólares, que difamavam a Igreja e o clero; intrometiam-se na política e no ensino; esfacelavam a nossa unidade (DIAS, 1993, p. 141).

O PERIGO YANQUE CHEGA AO MATO GROSSO: CUIABÁ, 1926 E 1927

No dia 12 de abril de 1926, o arcebispo de Cuiabá Dom Francisco de Aquino Corrêa proferiu no Lyceu Cuiabano²⁶ uma palestra intitulada *Imperialismo e protestantismo*. O texto foi publicado em forma de folheto e distribuído em vários Estados do país (CORRÊA, 1926).

A partir de então, dois jornais protagonizaram o debate entre católicos e protestantes que teve como principal foco a defesa da nacionalidade brasileira. Do lado católico, o jornal *A Cruz* foi o principal meio de difusão das críticas aos protestantes. Já o jornal *A Penna Evangelica* foi o órgão utilizado pelos presbiterianos no combate aos discursos do arcebispo. O discurso de Dom Aquino acusou os protestantes de serem agentes religiosos a serviço do imperialismo dos Estados Unidos. Um inimigo a ser combatido em defesa da fé católica e da nacionalidade brasileira.

No entanto, a vinculação protestantismo-imperialismo não era algo novo em terras mato-grossenses à época da conferência de D. Aquino.

O jornal *O Mato Grosso* (21 abr. 1904, p. 3), por exemplo, publicou em Cuiabá o artigo de autoria de um denominado “Frei Celestino”, cujo objetivo foi criticar a atuação dos missionários protestantes no país, sobretudo, a divulgação de Bíblias adulteradas²⁷, livros e folhetos. Conforme o artigo, a verdadeira religião brasileira estava sendo terrivelmente atacada por heresias, cujos porta-vozes eram os missionários, sobretudo os norte-americanos: “rude e vilmente atacada pela canalha missionária, por vós outros, merce-nárias hipócritas, que viestes cá, só por que a pregação das vossas heresias – batistas, presbiterianas, luteranas e calvinistas – é para vós, por enquanto,

²⁶ O Liceu Cuiabano foi criado em dezembro de 1879, recebendo a denominação de “Lyceu de línguas e Ciências”. Localizava-se originalmente num prédio no antigo Largo da Matriz, atual Praça da República. Posteriormente foi transferido para o Palácio da Instrução e, em definitivo, na praça General Mallet, sendo ali instalado em 1946 com o nome de Colégio Estadual de Mato Grosso. Durante muito tempo o Liceu Cuiabano foi a única instituição oficial de ensino secundário em Mato Grosso com os cursos de “Línguas e Ciências”, preparatórios de humanidades de “Ciências” e Letras. Em 13 de março de 1979, centenário de sua criação, foi restabelecido o nome de Lyceu Cuiabano (www.mt.gov.br).

²⁷ Com o adjetivo *adulterada*, o autor se refere certamente ao fato de a Bíblia publicada pelas Sociedades Bíblicas conter 39 livros no Antigo Testamento, enquanto que a usada na igreja católica conter 46. Uma rápida consulta nos blogs sobre Bíblias católicas e Bíblias protestantes indica que é ainda comum achar que a Bíblia utilizada pelos Protestantes foi adulterada, pois contem menos livros no Antigo Testamento. A diferença se deve ao fato de a Bíblia Protestante ter como base um texto manuscrito hebraico (com alguns versículos em aramaico) e a Bíblia Católica seguir a Septuaginta, em grego, que contém os sete livros considerados *apocrypha*, ‘ocultos’ ou ‘difíceis de entender’, pelos judeus, cristãos ortodoxos e protestantes.

o negócio mais lucrativo”. Nesse sentido, e em defesa da religião nacional e da pátria, “Frei Celestino” conclamava que os féis católicos ignorassem a ação dos missionários protestante:

É uma seita, isto é, um ramo cortado do robusto e majestoso tronco da verdadeira Igreja! [...]. O melhor meio de combater e esterilizar os esforços desses missionários do mal, desses enviados do demônio, é desprezá-los [...] não só, mas reagir também contra tudo quanto é literatura herética que eles espalham a torto e a direito, em detrimento da fé católica, levando tudo ao fogo. Queimemos, sim, todos os livros, Bíblias, jornais e panfletos protestantes que nos venham às mãos, dados ou vendidos, em descrédito da religião católica.

Uma prática comum dos jornais publicados em Mato Grosso nas primeiras décadas republicanas era a de re-publicar notícias e textos já veiculados por outros periódicos, sobretudo, os de São Paulo e Rio de Janeiro. Um exemplo, no mês de fevereiro de 1907 a *Revista Matto Grosso* veiculou um artigo publicado no Jornal do Comércio de Campinas intitulado *o Verdadeiro perigo*, no qual o autor, não identificado, tratou dos perigos da Doutrina Monroe e do crescimento dos interesses dos Estados Unidos no continente. Para isso, retratou os missionários protestantes como agentes dos interesses imperialistas e destruidores da nacionalidade e das famílias brasileiras. Em contraposição fez apologia do catolicismo e da ação dos jesuítas tido como verdadeiros missionários a serviço de Deus e sem interesses terrenos.

A pátria não é somente as montanhas verdejantes, os rios caudalosos, o céu azulado, o progresso material, ela é mais que tudo isto: é essa união moral, essa fé robusta, que fazem da nação um só ente, onde há uma só alma e palpita um só coração. A pátria é grande onde é forte, unida e santa a família, unida entre si pelos laços de uma só crença. O perigo está no missionário americano, que vem nos desunir pelo divórcio e pelo divórcio das famílias entre si; nos falar mais no dólar, nas riquezas do Yanque do que na abnegação pessoal, propulsor principal do patriotismo e dos interesses gerais da pátria (REVISTA MATTO GROSSO, n. 2, fev. 1907, p. 31).

Os redatores do jornal *A Razão*, órgão do partido democrata matto-grossense e sediado em Cáceres, também publicaram no mês de setembro de 1927 diversos textos de elogio às palavras de Dom Aquino na conferência sobre o perigo do imperialismo protestante (3 set. 1927; 10 set. 1927).

Outro periódico que circulou no então Mato Grosso e que também combateu o “protestantismo estrangeiro” foi a *Revista Pro-Família*, publicação quinzenal redigida pelo Lyceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo, de Cuiabá. A Revista, ao tratar dos perigos que rondavam a família e a mocidade mato-grossense, afirma que a modernidade trouxe consigo “falsos mestres”, entre os quais os protestantes, “profetas da desunião”, aos quais competia ao catolicismo combater em nome da “família, dos costumes e da pátria”. Conforme a *Revista*, o principal referencial de “vida e ação” para a sociedade mato-grossense, sobretudo para a juventude, deveria ser:

[...] o catolicismo que envolve tudo na sua própria verdade, o catolicismo que é o mais forte elo de unidade, o protótipo da autoridade, síntese e harmonia, paz e descanso. Os mestres inâbeis que ele repudia e despreza são: o protestantismo que tudo divide e desagrega, endeusando a razão própria, apregoando o vil e egoísta individualismo (REVISTA PRO-FAMILIA, 16 ago. 1921, p. 2).

De volta à publicação de Dom Aquino, o arcebispo também acusou o protestantismo de ter sido o responsável pela divisão do cristianismo ao longo dos séculos e pelo surgimento de diversas “seitas e heresias”. O argumento de que o protestantismo era, por natureza, uma religião impregnada por um “espírito de divisão”, também esteve constantemente presente nos escritos polêmicos católicos, tal como se pode notar nos trechos citados acima. Para Dom Aquino, o surgimento das igrejas protestantes foram tão somente frutos do *ódio de morte* que o protestantismo manifestou desde a sua origem à Igreja Católica e o mesmo apenas se apresentava “unido fraternalmente no ódio contra a Igreja. Em tudo mais, revela-se-lhe a tendência inata para a dissolução” (CORRÊA, 1926, p. 24, 25, 37).

As críticas ainda contemplaram o casamento, o ensino escolar, o divórcio, a leitura da Bíblia e a forma do culto protestante (CORRÊA, 1926, p. 27). Acusou a América protestante de ter promovido o assassinato *a bala* dos índios de suas terras, “esses mesmos índios que o catolicismo amparou com dedicação por vezes heróica e que eles, os protestantes, pretendem agora catequizar tão meliuamente em nossos sertões, fazendo-nos rir de semelhantes amores” (CORRÊA, 1926, p. 34).

Assim, o arcebispo conclamou os católicos a lutarem com todas as forças contra o protestantismo americano, cuja expansão implicaria a destruição da pátria e da nacionalidade. Pátria e nacionalidade foram apresentadas no discurso de Dom Aquino como sinônimos de catolicismo (religião nacional), de maneira que, ao representar uma ameaça à Igreja Católica, o protestantismo

significaria automaticamente um perigo à nação e aos valores culturais de seu povo, conforme se pode verificar na transcrição abaixo:

O catolicismo integral [...] é por certo o derradeiro e mais inexpugnável baluarte dos povos. É a acrópole da nacionalidade. Mas refiro-me também à simples fé católica, entrelaçada como se acha, com as glórias do nosso passado, com os amores do nosso presente, com as esperanças do nosso futuro, com todas as tradições, em suma, da nossa família, da nossa gente e da nossa Pátria. [...] E como arma de defesa nacional, basta esta fé para fazer milagres [...] quando periga a independência da pátria, quando se sentem conculcados os brios nacionais, o povo apela indistintivamente para esses ideais supremos, que são a alma comum da nação, a fé revive, integra-se [...] E é a este Deus, a esta religião nacional, que os hereges pretendem substituir um Cristo desfigurado pelo racionalismo, uma religião amaldiçoada pelos nossos maiores, um culto frio e seco [...] onde tudo, mesmo a oração e o canto, tem vibrações de protesto [...] onde a própria Bíblia se transforma em joguete de livre exame. (CORREIA, 1926, p. 26, 27).

A inserção do presbiterianismo em Cuiabá teve início no ano de 1913 com a chegada à cidade do missionário reverendo Franklin Graham, acompanhado do seminarista Antonio dos Santos e de um tropeiro chamado Marcolino Barreto. Pelo que consta nos arquivos desta Igreja, os viajantes foram recebidos pelo Sr. João Dias que teria cedido a própria residência como abrigo para o primeiro templo. Em 1915 chegaram os missionários reverendo Felipe Landes e sua esposa D. Margarida. A Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá foi organizada em outubro de 1920 (www.ipcuiaba.org.br).

Antes de prosseguir com o episódio principal deste trabalho, um pequeno retorno aos primeiros anos do século XX, em Cuiabá. Uma das primeiras referências cronológicas à ação de protestantes em Cuiabá foi o relato do reverendo e colportor Frederick C. Glass, em 1902. O reverendo Frederico C. Glass atuou como missionário da Igreja Cristã no Brasil, sobretudo no trabalho de colportagem (venda/distribuição de Bíblias). No livro *História Documental do Protestantismo no Brasil*, autoria de Duncan Alexander Reilly²⁸, foi transcrita parte de um relato de Frederico Glass que na companhia

²⁸ Este livro é sem dúvida alguma, uma das maiores referências para os estudiosos da história do protestantismo no Brasil. A obra aborda desde as primeiras manifestações da fé protestante no país, século XIX, ao chamado “crescimento e amadurecimento” do protestantismo, década de 1960. Além disso, o livro traz uma enormidade de documentos transcritos, referentes a diversas denominações, missionários e lideranças protestantes. Originalmente publicado em 1984, o livro encontra-se em sua terceira edição.

de mais dois protestantes realizaram uma viagem de colportagem à Cuiabá, iniciada em fins de março de 1902 no Rio de Janeiro, “após quatro meses de viagem, inclusive mil milhas a cavalo, vendendo grandes números de Escrituras pelo caminho, [...] chegamos à cidade (Cuiabá)” (REILY, 2003, p. 280). Entre outros assuntos, o texto apresenta as dificuldades encontradas pelo missionário durante a viagem e, sobretudo, a recepção/repercussão de suas atividades entre os moradores e o clero da cidade de Cuiabá, capital do Estado.

Digno de nota foi a narrativa do colportor a respeito da reação dos cuiabanos frente à presença dos protestantes:

1 de setembro. Hoje atacamos o centro da cidade, onde os negociantes e a classe mais abastada moram, entre os quais encontrei muita descrença, indiferentismo e espiritismo. Apesar disso e do tratamento descortês da parte de um ou dois, foram excelentes as vendas de livros, somando oito Bíblias e 43 Novos Testamentos.
5 de setembro. À tardinha fizemos uma reunião no largo da Matriz, importante praça central defronte à Catedral, e umas cinqüenta ou sessenta pessoas se reuniram evidentemente atônitas pelo método sem precedentes. Fomos informados de que, depois da reunião, os sacerdotes aspergiram água ao redor do lugar para afastar ‘influência má e contaminadora’ da nossa presença! (REILY, 2003, p. 281).

O relato prossegue narrando as ações dos viajantes, que incluíram uma visita ao presidente do Estado e a um sacerdote católico local, além de distribuição de Bíblias no hospital. O colportor publicou, originalmente em inglês, um livro intitulado *Adventures With the Bible in Brazil* (Aventuras com a Bíblia no Brasil, 1914), no qual narrou as viagens no interior do país como vendedor/distribuidor de Bíblias.

De volta ao ano de 1926. As respostas à conferência de Dom Aquino começaram com as palavras do líder local o reverendo Felipe Landes²⁹. através das páginas do jornal *A Penna Evangélica*³⁰. Landes contra-atacou com a estratégia de demonstrar que o corpo eclesiástico católico também possuía

²⁹ Na década de 1930 foi pastor da Igreja Presbiteriana de Campo Grande/Sul de Mato Grosso. Durante o ministério pastoral em Campo Grande, realizou diversas viagens missionárias para a região de Dourados, local em que batizou os primeiros convertidos ao presbiterianismo no ano de 1937. O Instituto Bíblico da Missão Caiuá recebeu o nome do reverendo, na fundação em 1980.

³⁰ Uma coleção impressa do Penna Evangélica encontra-se preservada no Arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil, na cidade de São Paulo. No acervo de periódicos microfilmados do Centro de Documentação Regional da UFGD encontra-se uma grande parte dos números deste jornal. O referido Centro de Documentação possui também microfilmado, a coleção completa do jornal católico *A Cruz* (1910-1969).

em suas fileiras, um considerável número de religiosos estrangeiros. Além disso, apresentou os missionários protestantes estrangeiros no país como propagadores da “palavra de Deus” e da paz. Nos círculos protestantes, a polêmica repercutiu nas principais cidades e igrejas brasileiras, de tal modo que parte do texto produzido por Dom Aquino e sobretudo as respostas de Felipe Landes foram re-publicadas pelos jornais O Expositor Cristão, órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil, O Puritano, órgão oficial da Igreja Presbiteriana e O Estandarte, órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Além de ser objeto de críticas e refutações escritas por lideranças Nesse sentido, é provável que os escritos do reverendo Landes tenham alcançado um número muito maior de leitores em comparação à publicação da palestra de Dom Aquino.

Através do *Penna Evangelica*, o reverendo Landes tentou desqualificar o discurso de Dom Aquino ao chamar a conferência de “uma enfadonha repetição de arcaicos e desacreditados conceitos emitidos em anos passados por Eduardo Prado e pelo bispo Dom Silvério” de Mariana, Minas Gerais (A PENNA EVANGELICA, 16 abr. 1926). O mesmo texto afirmou que Dom Aquino, ao acusar o protestantismo de ser financiado pelo capital estadunidense, colocou-se ao lado dos “semeadores de desconfianças e mal entendidos”, tendo oferecido seu apoio para uma propaganda chamada de impatriótica, caluniosa e “indigna de quem se diz pregador do Evangelho da Paz” (A PENNA EVANGELICA, 16 abr. 1926). Essa mesma edição publicou uma pequena nota afirmando que o reverendo Felipe Landes iria refutar as “injustas e malévolas acusações” do arcebispo.

As repostas de Felipe Landes foram publicadas numa série de artigos no *Penna Evangelica*, intitulados *Conferência de Dom Aquino: imperialismo e protestantismo*. No primeiro texto em resposta ao arcebispo, Landes procurou desfazer a vinculação da atuação das missões protestantes no Brasil ao suposto plano imperialista dos EUA. Para isso, o reverendo Landes utilizou trechos de discursos pronunciados por políticos norte-americanos, como do então Secretário de Estado dos EUA, Sr. Kellog, que teria afirmado numa reunião com jornalistas em Washington que na política dos EUA para com os países da América do Sul e Central “não havia nenhum desejo de imperialismo, de aquisição de território, de dominação política ou econômica” (A PENNA EVANGELICA, 1 jun. 1926).

Com o mesmo intuito de dissociar o protestantismo do imperialismo estadunidense, o segundo texto, publicado por Felipe Landes, citou diversos exemplos de transações econômicas entre o Governo brasileiro e as empre-

sas norte-americanas, como a Ford, com o objetivo de fazer acreditar que a relação entre os dois países dava-se no plano da cooperação internacional e não impositiva.

Tal como outros debates polêmicos entre protestantes e católicos no Brasil, o episódio conflituoso em Cuiabá continuou a ter eco nos meses posteriores a abril de 1926. O texto de refutação à conferência estopim proferida e publicada por Dom Aquino, de autoria do reverendo Felipe Landes também foi publicado em 1928³¹, antes, porém, o *Penna Evangelica* foi o porta-voz das palavras do reverendo Landes.

No restante do ano de 1926 e durante os meses de 1927, o *Penna Evangelica* publicou diversos editoriais que criticaram alguns dogmas católicos, como o culto às imagens, a salvação da alma somente através do catolicismo ou a forma de culto (16 out. 1926; 1 dez. 1926). O periódico também associou o analfabetismo e o atraso econômico ao predomínio católico no Brasil (16 dez. 1926; 1 jan. 1927; 17 jan. 1927; 2 fev. 1927) e criticou a própria pessoa do arcebispo Dom Aquino, chamando-o de “mau cidadão, por negar-se servir ao exército” (16 ago.1926), “Judas Iscariotes” (16 set. 1926), “caluniador” (1 dez.1926), “intérprete estrambótico da Bíblia” (16 fev. 1927).

Outro periódico que também publicou diversos textos de combate ao protestantismo, após os meses de 1926, no Mato Grosso foi o jornal *A Chrysallida*, editado pelos alunos do colégio Lyceu Cuiabano. Um exemplo foi o artigo intitulado *Depenando a Penna*, publicado em novembro de 1927, cujo texto elogiava a eloquência do arcebispo Dom Aquino em responder à altura os textos “infundados” dos protestantes em Cuiabá, como se pode notar no trecho abaixo:

É com verdadeira mágoa que incluímos nas colunas d'A Chrysallida, órgão idealista da mocidade do Lyceu Cuiabano, alguns reparos justos e necessários provocados pelos dizeres levianos e caluniosos da 'Penna Evangelica', órgão assalariado do imperialismo yanque e aqui editado para vergonha de nossa cultura, sem lógica nem sintaxe, por alguns ignorantes fanáticos. **Pena** pela sua leviandade: **pena** pela sua incultura; tem de **evangelica** somente o nome hipócrita, sob o qual se mascara. Muito longe está essa brutalidade agressiva, a dar coices até no vento, do Evangelho do amor e da tolerância, pregad e praticado por Jesus (A CHRYSALLIDA, 30 nov.1927, p. 2, 3).

³¹ LANDES, Felipe. *Dom Aquino: imperialismo e protestantismo*. Cuiabá: Tipografia da Penna Evangelica, 1928.

A repercussão do debate a respeito do suposto “perigo yanque” em Mato Grosso, meses após abril 1926, em periódicos ligados ou não a uma das confissões religiosas, sugere que tanto católicos como protestantes tiraram proveito do imperialismo americano como ferramenta na disputa por um espaço religioso na sociedade mato-grossense. Demonstra também o papel que os impressos religiosos tiveram enquanto suporte para produção, reprodução e difusão bens simbólicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim de encerrar as idéias aqui expostas, vale lembrar a afirmação de dois historiadores sul-mato-grossenses. Cláudio Vasconcelos, no artigo publicado na revista *Fronteiras* (2002), afirmou que entre as fontes de inspiração para associar a expansão do protestantismo pelo país ao imperialismo norte-americano, estavam os textos de outros escritores brasileiros, como Medeiros de Albuquerque e Paulo Prado. Segundo Vasconcelos, a associação protestantismo-imperialismo foi a estratégia de Dom Aquino para “burlar a legislação e destruir outras religiões, em especial, o protestantismo norte-americano” (VASCONCELOS, 2002, p. 138).

Ao analisar a romanização do catolicismo na Diocese de Corumbá (1910-1957), sobretudo as singularidades do cenário religioso em Mato Grosso, Jérri Roberto Marin³², no livro *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia* (2009), afirmou que a Igreja Católica, através de seus bispos, objetivaram “forjar sujeitos católicos plenos, ao criar uma identificação coletiva entre o ser mato-grossense e a catolicidade. Ao difundir uma identidade católica, criava uma idéia de coesão, laços de reconhecimento mútuo, um ‘nós’ brasileiro e católico, em oposição a um ‘outro’ estrangeiro e acatólico” (MARIN, 2009, p. 490). Foi nesse contexto que ocorreram as controvérsias aqui expostas entre católicos e protestantes em Cuiabá, a partir de 1926.

Nesse sentido é que complementamos o artigo *protestantes e católicos em Mato Grosso: relações conflitivas no início do século XX*, ao afirmar que essas divergências podem ser entendidas como armas, instrumentos utilizados por católicos e protestantes para competirem nos espaços religiosos na sociedade mato-grossense. O protestantismo, portanto, representava uma ameaça ao plano de coesão religiosa e nacional da Igreja Católica mato-grossense,

³² Professor dos cursos de Graduação em História da UFMS/Campo Grande e Mestrado em História da UFGD.

sobretudo na figura de um de seus principais ícones: Dom Aquino Corrêa. Assim, as polêmicas serviram como elemento de reforço das próprias ideologias religiosas, uma vez que deram o tom combativo, como uma cruzada de palavras em prol da verdade. Nesse sentido, ajustava-se o estilo dos autores ao próprio significado original do vocábulo *polemikós* que no idioma Grego significa *guerreiro* e à maneira que os debatedores viam o mundo que os cercava (LIMA, 1995, p. 2).

É possível afirmar também que o antiprotestantismo contribuiu para a afirmação doutrinária e social do catolicismo romano. Através das polêmicas, católicos (e protestantes) construíram ao longo do período aqui analisado, um sentido não apenas para seu adversário religioso, mas para si mesmo, afirmando-se como portadores da única fé cristã verdadeira e legitimamente nacional.

Encerro essas considerações na esperança de que este artigo, futuramente, também seja re-avaliado e, sobretudo, reescrito sob novos olhares e novas percepções, com o fim último de contribuir para um melhor entendimento da história das igrejas cristãs em Mato Grosso/Mato Grosso do Sul.

Artigo recebido em 18 de março de 2010.

Aprovado em 20 de agosto de 2010.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Carlos. *Negro não entra na igreja espia da banda de fora: protestantismo e escravidão no Brasil Império*. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRAGA, Erasmo. *Pan-americanismo: aspecto religioso*. O relatório e interpretação do Congresso de Ação Cristã na América Latina reunido no Panamá de 10 a 19 de fevereiro de 1916. Nova Iorque: Sociedade de Preparo Missionário dos Estados Unidos e Canadá, 1916.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *Mochila nas costas e diário na mão: a fascinante história de Ashbel Green Simonto*. Viçosa: Ultimato, 2009.

CORRÊA, Francisco de Aquino. *Imperialismo e protestantismo: conferência realizada em Cuiabá, no dia 12 de abril de 1926*. Rio de Janeiro: Jornal A Cruz, 1926.

DIAS, Romualdo. “*Cor unum et anima una*”: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922 – 1935). 1993. 291f. Tese (Doutorado em História) – UNICAMP, Campinas, 1993.

GONÇALVES, Carlos Barros. *O movimento ecumênico protestante no Brasil e a implantação da Missão Caiuá em Dourados*. 2009. 224f. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados, 2009.

- GLASS, Frederick C. *Adventures with the Bible in Brazil*. [London]: Pickering and Inglis, 1914.
- LANDES, Felipe. *Dom Aquino: imperialismo e protestantismo*. Cuiabá: Tipografia da Penna Evangelica, 1928.
- LIMA, Éber Ferreira Silveira. *Leonel Franca versus protestantes: itinerário de uma polêmica*. Londrina: EdUEL, 1995.
- MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da Romanização na Fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande: UFMS, 2009.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 1995.
- _____. Uma macro-reflexão sobre o campo religioso brasileiro: variações sobre dois temas “bourdieuanos” – a propósito da morte de Pierre Bourdieu. *Estudos de Religião*, n. 23, p. 22-40, jul./dez. 2002.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. “Sim” a Deus e “não” a vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, A.G.; VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *O problema religioso da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Graf. Mercúrio, 1949.
- PIEDRA, Arturo. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960)*. Trad. Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006. v. 1.
- _____. *Evangelización protestante em América Latina: análisis de las razones que justificaron y promovieron la expansión protestante*. Quito: CLAI, 2002. v. 2 .
- REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.
- REIS, Álvaro. *As sete palavras de Cristo na cruz*. Conferências pronunciadas durante a Semana Santa de 1914 na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1917.
- RIBEIRO, Ademir. *Álvaro Reis – pastor, pregador e polemista: uma breve análise sobre seu discurso*. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- SANTOS, Edwiges Rosa dos. *O jornal Imprensa Evangélica: diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1892)*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira*. São Luís: Edufma, 2006. (Coleção de Teses e Dissertações – Departamento de História UFMA).
- SIMÕES, Daniel Soares. *O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero: o Pe. Júlio Maria de Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil (1928-1944)*. 2008. 138f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

VASCONCELOS, Cláudio Alves de. Protestantes e católicos em Mato Grosso: relações conflitivas no início do século XX. *Fronteiras: revistas de história*, Dourados, n. 6, p. 133-142, jan./jun. 2002.

Jornais

Jornal *A Chrysalida*, 1927.

Jornal *A Penna Evangelica*, 1926-1927.

Jornal *A Razão*, 1927.

Jornal do Comércio (RJ), set. 1921.

Jornal *O Estandarte*, 1893-1929.

Jornal *O Expositor Cristão*, 1903-1930.

Jornal *O Matto Grosso*, 1904.

Revista Matto Grosso, 1907.

Revista Pro-familia, 1921.